

CÂMARA LEGISLATIVA DO DF
Biblioteca

DF
VI

L • E • T • R • A • S



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
Ano II nº 14

SUPLEMENTO CULTURAL
Brasília, 21 de abril de 1995



35 anos

Brasília,
a nossa
esperança

Recordando como foi Brasília um dia

□ L. Fernando Tamanini

"Este livro foi escrito para ser lido daqui a cem anos". Com esta frase, que denota em si o sortilégio da imprevisibilidade do amanhã, L. Fernando Tamanini recomenda através de um simples cartão de visita a sua obra "**Brasília, Memória da Construção**", um estudo pormenorizado e, por isso mesmo, imprescindível a quem deseje conhecer, em profundidade de detalhes, o que significou, o que significa, o que significará, a construção da Capital para o nosso País.

A obra por si só é uma epopéia. JK, claro, ocupa o espaço merecido. Mas não só ele, como os outros... os outros, estão todos lá: aventureiros audazes de uma mesma história. O livro, ao contrário do que diz o próprio autor, tem que ser lido já mesmo porque daqui a cem anos continuará atual. Não há, portanto, em qualquer hipótese prejuízo de tempo.

Tamanini, procurador do Distrito Federal, é membro de várias instituições culturais e sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. Dedicou 12 anos de sua vida pesquisando detalhes sobre Brasília. Nesta edição especial do "DF-Letras" não poderia faltar o depoimento de quem testemunhou a construção da própria esperança (NELSON PANTOJA).

Moro em Brasília desde a fundação da cidade. Meu primeiro pouso foi um acampamento na Vila Planalto, ali por trás do Palácio, num descampado revestido de matinho ralo, que descia gradualmente até o lago, cujo nível se havia estabilizado em cota inferior à prevista, por estar a barragem ainda em obras.

Cinco fios de arame farpado separavam o acampamento da Vila propriamente dita. A casa, pré-fabricada tinha paredes de painéis retangulares, feitos de capim seco prensado numa "calda" de cimento e areia fina, experiência pioneira de tecnologia cabocla que não prosperou. Eram, leves os painéis, pareciam frágeis, mas permitiam acabamento bom, com visual agradável após uma demão de tinta colorida, contrastando com a junta escura, de madeira, que unia um painel ao outro.

Ao acampamento chegou, certa tarde, o jornalista Moacyr Valadares, que vinha do Rio como representante do seu jornal. As malas se haviam extraviado e Moacyr, após dois ou três dias de procura inútil, sentindo-se perdido, desamparado, na vastidão agreste do planalto sem fronteiras, telegrafou à mulher, Julinha em Copacabana: "Cheguei bem. Estou desesperado e sujo". Moacyr trabalharia, como jornalista, no Congresso Nacional, por trinta anos. Ele e Julinha descansam agora, tranquilos, no Campo da Esperança, perdida para sempre a bagagem extraviada, — nem isto importa, mais.

Variola e redemoinhos

Um dia ficamos sabendo que grassava na Vila surto de variola. Foi grande a preocu-



Tamanini viu a cidade crescer do nada

pação. Dos que viviam "do lado de fora", muitos iam buscar água, com suas vasilhas, numa torneira do Acampamento. Essa torneira, rente à cerca, servia para molhar, todo dia, o chão mal encascalhado do terreno cercado, numa tentativa, sem sucesso, de combater a fina poeira avermelhada, que qualquer brisa ligeira erguia e era aquele inferno. Se não fosse uma brisa, mas vento de verão, então o melhor era examinar rapidamente a situação e fugir para o lado certo, contemplando de longe os redemoinhos que se levantavam, girando-girando em ve-

locidade crescente, aumentando a cada instante o tamanho da roda. O remoinho arrancava dos varais as peças de roupa e as agitava céu acima; sugava o pó solto dos amplos espaços que os tratores haviam criado, o lixo das sargetas, as latas vazias, os jornais velhos jogados no chão e misturava tudo num turbilhão; infiltrava-se por todas as frestas e frinças, nada valendo cerrar as portas e as janelas; e transformava em seres surrealistas, de cabeleiras grotescas, os incautos surpreendidos no meio do caminho.

O surto de variola assustou

Autonomia incompleta

Brasília chega ao seu 35º ano de vida com plena maturidade política. sua população caminha certo para a manutenção do processo democrático e participativo, consciente do que significa a palavra "cidadania". Este é um direito adquirido. Não há razão legal ou moral para mudar esta situação.

Os próximos passos, neste momento, devem ser para a garantia de completa autonomia financeira e administrativa do Distrito Federal. Depois de 35 anos de vida e com quase 2 milhões de habitantes é incompreensível que o DF seja ainda dependente da União ou que ainda não tenha o Poder Judiciário.

No caso da autonomia ad-

ministrativa, temos que cessar com o cansativo discurso de que a União deve manter o Distrito Federal. Brasília hospeda o Governo Federal, sendo responsável pela segurança, saúde e educação de todos os membros da estrutura administrativa do Estado. É um fato que justifica uma compensação financeira. Mas está na hora de se mudar o discurso, pois ele não supõe mudanças.

Temos a obrigação de alterar esta "imagem" da dependência permanente, seja criando novos empregos e estimulando os pequenos e microempreendimentos, seja promovendo uma séria e responsável reforma administrativa no GDF, como a necessária privati-

zação de feiras e dos estádios de futebol e um sistema de co-gestão na TCB.

Já a questão da ausência do Poder Judiciário no Distrito Federal é mais grave. A Constituição preconiza a isonomia entre os poderes. O DF não só não tem o seu Judiciário como também está em situação de inferioridade com o Poder Judiciário Federal, instalado em nossa cidade. Recentemente, com a concessão de uma liminar para bloquear a investigação de uma CPI na Câmara Legislativa, podemos perceber a intromissão do Judiciário Federal nos trabalhos legislativos. Justo o Judiciário responsável pela fiscalização dos cartórios que fraudaram documentos investigados pela mesma



José Edmar Cordeiro

PSDB

CPI. Sem vinculação com o povo do DF, o Judiciário está atualmente longe da realidade de nossa cidade e sem qualquer fiscalização.

Sem estas alterações não teremos um Distrito Federal independente plenamente. Estaremos sempre sujeitos a pressões e a fatores que não estão ao nosso alcance. Sempre dependendo da boa vontade do Governo Federal ou do Judiciário Federal. Não é isso que queremos. Não é isso que o povo quer, com certeza.

Este DF Letras abre mais uma vez um espaço para o debate, para saldar o 35º aniversário de nossa cidade, vislumbrando um Distrito Federal mais próximo ao sonhado por Dom Bosco e idealizado por Juscelino Kubitschek.

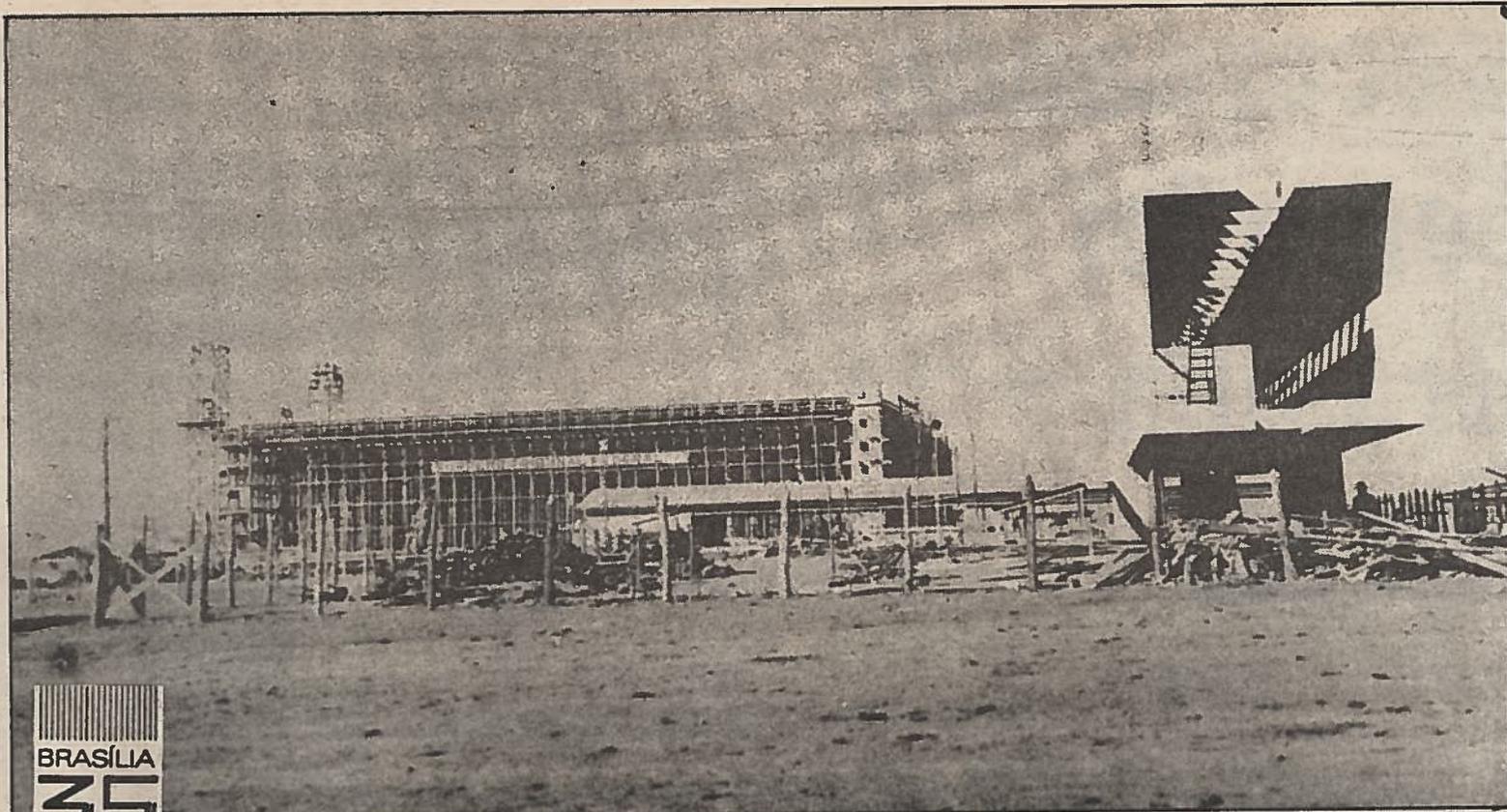
por algum tempo. A solução foi manter fechado o portão da cerca e cortar o maisbaixo dos arames, no local apropriado, permitindo desta forma que as vasilhas alcançassem a torneira, empurradas sob os outros fios, sem que ninguém precisasse entrar pelo portão.

O 'Mercado Diamantina'

Fazer compras era "programa", cheio de emoções e surpresas, numa viagem de cinquenta quilômetros, ida e volta, à Cidade Livre, onde quase tudo tinha que ser adquirido. O velho Mercado Diamantina, labirinto "persa" que se fora ampliando sem planejamento nem cuidado, concentrava o burburinho ruidoso, alegre, festivo, dos vendedores e fregueses e reservava imprevistos a cada passo. Ali tinha de tudo, desde o lombinho de porco, a carne-de-sol, a linguiça feita na véspera, até o chapéu de palha, a foice, a pá, as calças de brim, a cachaça; desde o coentro cheiroso, a salsa, a cebolinha, até o borzeguim de couro cru, o facão, o fumo de rolo, o perfume barato, o sabonete gessy. Havia de tudo ali, numa mistura absurda de cheiros e de cores, que produzia em todo mundo um sentimento bom de alegria de viver, de participação e de fraternidade. Saudade.

Aniversário de J.K.

Naquele primeiro ano (1960), no dia do aniversário de JK, 12 de setembro, assisti, no mezanino da Rodoviária, em sua extremidade ocidental, à inauguração do memorial da obra, representado por chapas metálicas polidas, de fina espessura, com os nomes gravados de todos quantos haviam trabalhado



Supremo Tribunal e Museu da Cidade em final de obra

em sua construção. Juscelino, presente, encaminhou-se, após a solenidade, para o seu carro, e formou-se extenso cortejo de automóveis, liderado pelo presidente, para dar a volta ao lago, trajeto cuja pista de asfalto acabara de ser concluída. No meu pequeno Austin de segunda mão, incorporei-me ao cortejo e tomamos a direção do "balão" do aeroporto, até alcançar aquela rotatória que o povo batizara, carinhosamente, de "bambolé de dona Sarah", e aí fletimos rumo à barragem do Paranoá. Asfalto novo, céu sem nuvens, tarde fresca, região deserta e intocada, o perfil, à esquerda da cidade incipiente já majestosa, brilhando ao sol suas extensas paredes de cristal, tudo contribuía

para que nos julgássemos, os que seguíamos JK, diferentes dos outros que habitavam o país e não conheciam o sortilégio dos novos tempos.

Na-ista sobre a barragem se fez uma parada ligeira, e logo se retomou a marcha, já agora na parte norte do lago. Pouco adiante a surpresa: a pista de asfalto, na verdade, não fora concluída. Para que JK pudesse, no seu aniversário, dar a volta completa ao lago, e na impossibilidade de concluir todo o serviço, a Novacap, a certa altura do trajeto, reduzira a largura do asfalto à largura de um carro, e só os bons motoristas conseguiam permanecer na trilha sem que as rodas perdessem o rumo e saíssem para o chão de terra, por sorte já compac-

tado para receber o asfalto que viria.

Na ponte do Braghetto, novo problema. Por mais que corresse com o seu trabalho, estimulados pelos engenheiros e pela chegada, a qualquer momento, de JK, os operários não haviam conseguido colocar a ponte em condições de uso. O cortejo imobilizou-se. Por fim, os engenheiros improvisaram, com pranchões de madeira, uma passagem, mas só para Juscelino, que desceu do carro e foi apanhá-lo, de novo, do outro lado. Todos nós, que o seguíamos, tivemos de retornar até o "balão" do Torto, pegar aí a estrada rumo sul, e finalmente alcançar o Plano Piloto pelo Eixo Monumental.

Deixar o Rio nem pensar...

Naqueles primeiros tempos a cidade dividia com o Rio a administração do país. Habitados ao litoral e tendo lá uma estrutura de trabalho consolidada através de muitos anos, os Ministros preferiam despachar no Rio, só vindo à capital o necessário para salvar as aparências e não irritar Juscelino, que convocava, de tempos em tempos, reuniões em Brasília, a fim de que não desertassem de vez. O Itamarati ficou por lá, as Embaixadas, também.

Cada Ministro tinha aqui um Gabinete, com dois ou três funcionários, e da acabei

Reinaugurar Brasília

Há 35 anos a população do Distrito Federal espera por um salto na qualidade de vida. No âmbito nacional diante da realidade atual podemos ser pessimistas em afirmar que dificilmente conseguiremos diminuir as desigualdades sociais nos próximos anos.

Mas independente disso, nós cidadãos do Distrito Federal precisamos ser otimistas. Devemos lutar pelo desenvolvimento sócio-econômico com projetos em prol do desenvolvimento econômico e

social, combatendo com prioridade a exclusão social.

Se esperamos 26 anos para conquistar a autonomia política, consolidada com a Constituição Federal de 1988, não significa que tenhamos que esperar mais 26 anos para promover o crescimento do Distrito Federal com igualdade e oportunidade de emprego para todos.

O mínimo que a sociedade local espera é que os políticos cumpram suas promessas. Ao go-

verno Cristovam Buarque cabe a confirmação de todos os compromissos de campanha. E que seja como próprio governador deseja a reinauguração de Brasília.

Como ele mesmo disse, a ideia de que a cidade foi inaugurada há 35 anos do ponto de vista arquitetônico, mas não foi projetada até hoje do ponto de vista social. De acordo com ele, a prioridade é toda a criança na escola, sistema de saúde funcionando,



Cláudio Monteiro

PPS

programa de geração de emprego e ordem na terra.

A nós parlamentares cabe também cumprir nossas promessas de campanha, trabalhar com eficiência e ética, e, é claro, legislar para o povo. O ano mal começou, mas, felizmente já posso contabilizar importantes vitórias em favor de toda a sociedade.

Com a troca de governo surgiu a chance de juntos reinaugurarmos uma nova Brasília.

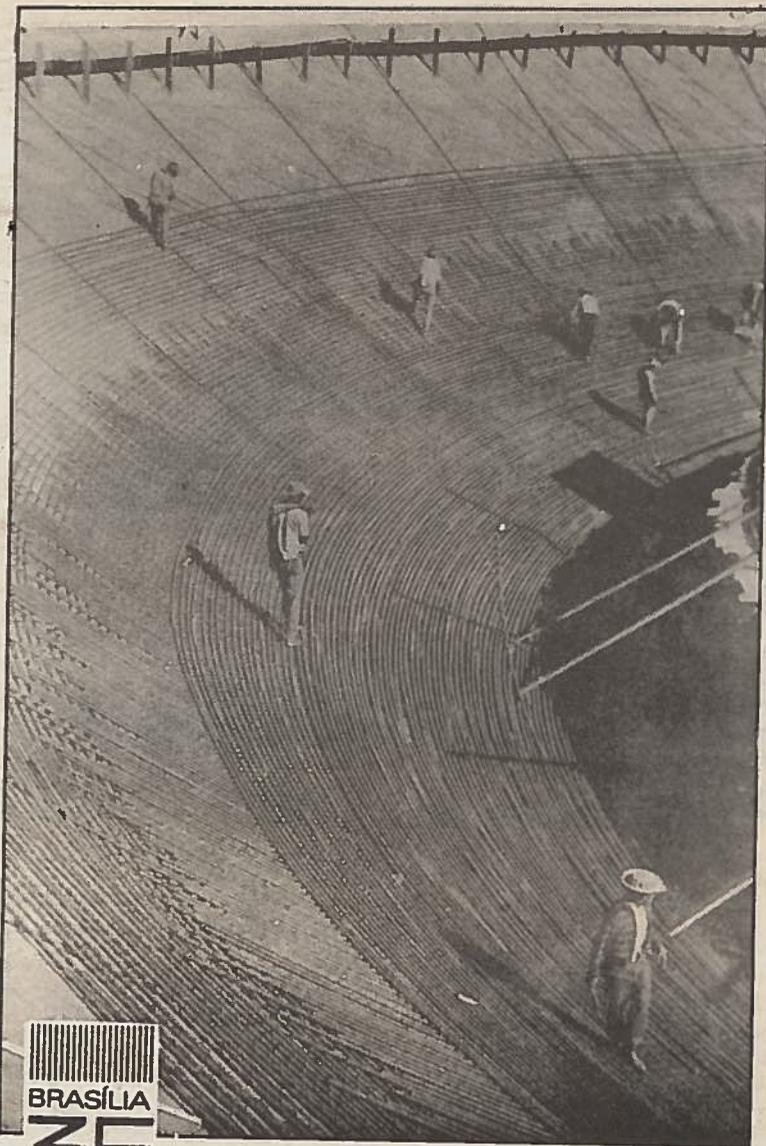
fazendo amizade com quase todos, entrando e saindo de suas salas a qualquer hora, em qualquer dia, sem dificuldade nenhuma. Os porteiros, os contínuos, mal levantavam os olhos quando passávamos. E os funcionários graduados, penso que até gostavam quando aparecia alguém para um bom papo.

Naquela ocasião veio a Brasília o Sr. Silvano, Vice-presidente da Mesbla, meu patrão, e mostrou desejo de falar com um Ministro que os jornais diziam estar na capital. "Não haverá problema", lhe disse. "É agora mesmo". E o conduzi ao prédio na Esplanada. Subimos ao 6º andar, onde ficava o gabinete, percorremos o longo corredor, não havia porteiro, não havia contínuo, fomos andando, abri a porta da ante-sala do Ministro, não havia ninguém, entramos na sala privativa do próprio Ministro, deserta, alguns papéis arrumados sobre a mesa, silêncio, sentei na poltrona do homem, olhei para o Sr. Silvano, ele fez um gesto não tanto de desapontamento mas de reação bem-humorada, e refizemos o caminho de volta ao seu hotel.

Não foi fácil trazer do litoral a Administração. Levou anos. Tudo servia de pretexto para não vir: falta de meios, escassez de habitação, arquivos ainda lá, assessores presos a importantes compromissos diversos, problemas residuais. Levou anos.

Jânio Quadros: Brasília pára.

No início de 1961 Juscelino foi embora e veio Jânio. Perdido no meio do povo (que povo sou), testemunhei, na Praça dos Três Poderes, a transmissão da faixa presidencial no parlatório do Palácio,



Operários armando estrutura das galerias da Câmara

que recebera um toldo, pois a época era de chuva. E debaixo da chuvinha miúda, que mansamente fora chegando e aumentando, acompanhei JK ao aeroporto, na consagrada carreta que se formou ao final da cerimônia, esvaziando a Praça. A cidade se despedia do Fundador.

No curto período de Jânio as obras pararam. Nada se

fez. Nenhum tijolo, nem um metro de asfalto, nenhuma nova luminária, nada. Tudo parou. O presidente não era, nem nunca foi, amigo de Brasília. Gostava, sim, de sua Vila Maria, em São Paulo, bairro de gente simples que ele transformara demagogicamente em símbolo, usado nos pleitos eleitorais.

Foi um tempo de desânimo

e preocupação para a cidade. E quando Jânio traumáticamente se foi, as preocupações não se foram.

"Comunista", não!

João Goulart, vice-presidente, que devia assumir no lugar de Jânio, era homem de esquerda e encontrava-se, não por acaso, na China Comunista, do outro lado do mundo. Não podia assumir — decidiram os ministros militares. O Exército se dividiu, a ameaça de um confronto sangrento pairou sobre o país por alguns dias. E a solução de adotar-se o parlamentarismo, afim de reduzir os poderes do presidente e aceitar a pose de Jango, na verdade foi um adiantamento do problema, conforme se haveria de constatar.

Fala-se que Jango, um homem reconhecidamente simples, tranqüilo, ligado à terra e aos ancantos da vida familiar, infenso às pompas e à ostentação, não estaria preparado, não estaria à altura de presidir um país gigante, complexo, como o nosso. Não quero julgar, mas não posso fugir à responsabilidade de dar o meu testemunho de como foram aqueles anos na nova capital.

Como já disse, era fácil, então, o acesso aos gabinetes, até mesmo aos do Palácio do Planalto. Estava eu, uma tarde, na ante-sala da Casa Civil, não me recordo por que, quando irromperam, portas adentro, três ou quatro senhores. Eram homens rudes, logo se percebeu, não só pela maneira de vestir, mas principalmente porque falavam alto, gesticulavam muito, e não queriam mesmo esconder sua condição de portuários, de estivadores do cais do Rio de Janeiro. Logo me lembrei que os jornais dos últimos dias vinham noticiando as reivindicações dos trabalhadores dos portos e as suas

ameaças. Aqueles senhores, liderados por um líder sindical em evidência na ocasião, buscavam de Jango o apoio explícito que esperavam. Mas enquanto aguardavam ser recebidos, e o foram antes de todo mundo, aproveitaram a platéia cativa para uma demonstração de força, num minicômico que improvisaram, encerrado com gesto teatral: ou obtinham o que queriam, ou paralisavam o país. E todos eles, como se previamente ensaiados, cruzaram os braços ruidosamente, batendo com as palmas das mãos no braço oposto.

Sai do Gabinete Civil preocupado, não gostara do que vira. Parecera-me um desrespeito à autoridade, ao próprio presidente, aquela atitude de ameaça e de arrogância em pleno Palácio. Não gostara, também, de assitir o Chefe da Casa Civil, ele mesmo, vir abrir a porta do seu gabinete, sorridente, e convocar os turbulentos para entrar. Sai do Palácio preocupado.

Essa preocupação só fez crescer nos meses que se seguiram. Sentia-se que Jango, aos poucos, perdia as rédeas, era envolvido, não sabia resistir às pressões, não conseguia resolver os problemas do país — e então viajava a Uruaçu, no interior de Goiás, para um churrasco amigo com os peões de sua fazenda, e lá ficava alguns dias em paz, enquanto a tempestade rugia cá fora.

Desemprego. Desespero. Ódio.

A essa altura já ingressáramos, através de concurso público, na Novacap. A Administração da Companhia funcionava num prédio da W-3, na quadra 508. Designado para o Departamento de

Luta pela autonomia econômica

Os brasilienses foram às urnas pela primeira vez em 1986, ano de autonomia política parcial. A autonomia política ampla veio em 1988, com a promulgação da Constituição, no mês de outubro. Mas a autonomia plena só foi consagrada em 1990, com a primeira eleição de deputados distritais e de governador.

A Câmara Legislativa do Distrito Federal, em sua primeira legislatura, honrou seus compromissos constitucionais, com destaque para a promulgação da nossa Lei Orgânica, que estabelece as bases de um relacionamento

dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, bem como as parcerias com os diversos segmentos da sociedade.

A nossa meta principal, hoje, quando Brasília completa 35 anos, é a autonomia econômica, com pleno emprego e renda. Nasci em Sobradinho, onde resido. Estou com 27 anos e sou o primeiro brasiliense eleito deputado distrital. Sei bem que é viver e crescer nesta cidade.

Saimos na frente em prol da democracia e do impeachment de Collor. Como soldado da Polícia

Militar e representante dos Praças, liderei a campanha de desmilitarização da Polícia Militar. Na Câmara, apresentei projeto de lei criando um novo Regulamento Disciplinar para a PMDF.

Acumulei experiência na luta. A maior tarefa, porém, está apenas começando. Governar o Distrito Federal, uma vitrine do Brasil, onde existem pessoas de todos os cantos do País e de várias partes do mundo, é um enorme desafio.

Outro desafio é o combate à violência. Na condição de presidente da Comissão de Defesa dos



Marco Lima

PT

Direitos Humanos e Cidadania da Câmara Legislativa propôs e ajudei a criar o Fórum de Combate às Armas e à Violência. 996 pessoas foram assassinadas em apenas 26 meses - de janeiro de 1993 a fevereiro de 1995 - e outras 918 perderam suas vidas no trânsito no Distrito Federal. Os números são assustadores.

Nossas ações, no entanto, estão voltadas para o desarmamento da sociedade. É melhor gastar os nossos recursos em escolas e hospitais do que em celas e presídios. Afinal, nós merecemos uma vida melhor.

Telefones Urbanos e Interurbanos (DTUI), trabalhávamos na SQS-408, bem distante, mas volta e meia precisávamos ir à sede da Companhia. O número de desempregados, na capital, aumentara muito, alcançava já alguns milhares. E como à época a Novacap fosse a única esperança de emprego, esse milhares se concentravam em suas imediações, sentados no meio-fio de um lado e outro da avenida, encostados na parede da empresa, congestionando o hall de entrada do edifício.

Com o correr do tempo, como a Novacap não conseguisse resolver o problema, a agitação dos desempregados foi aumentando, tornaram-se agressivos, ousados, até ameaçadores. Eram agora verdadeira multidão e aquele trecho na W-3 transformou-se em "terra de ninguém", representava um risco passar por ali, principalmente dirigindo carro de luxo, ostentando bem-estar, prosperidade. Isto eu senti na carne ao percorrer o trecho, incautamente, ao volante de um Oldsmobile-98, carrão bonito, importado, imenso, o maior de quantos havia na cidade, veículo de embaixador ou de empresário magnata, pensariam todos, mal sabendo que ao volante ia um modesto funcionário público, sem condições de adquirir um fusquinha ou um dauphine, e que comprara o carrão porque, batido e reformado, custara, na revenda de carros usados, menos da metade do mais barato automóvel nacional, e estava sendo pago em prestações. Jamais esquecerei aqueles poucos momentos, a multidão cercando o carro, cedendo passagem a custo, e o modo como me olhavam. Jamais esquecerei.

Desde esse dia procurei evitar a W-3, deixei de lavar o carro, que ficou, após algum tempo, coberto de poeira, um traste, e aquilo me tranquilizou um pouco.



Palácio da Alvorada em construção

A revolta dos sargentos

Brasília e o país viviam momentos terríveis. Certa manhã acordamos com a notícia de que estaria ocorrendo na cidade um levante militar. Os revoltosos já haviam ocupado, segundo se dizia, a sede da Telefônica, as estações de rádio, o prédio onde funcionava a Prefeitura, o aeroporto militar e o aeroporto civil, a Chefatura de Polícia e os Ministérios da Marinha e da Aeronáutica. Soube-se, mais tarde, que o levante era liderado por sargentos, exatamente da Marinha e da Aeronáutica, inconformados com a Justiça Eleitoral, que permitira o registro da candidatura

de sargentos a cargos eletivos e posteriormente cassara o mandato dos que haviam sido eleitos. O Exército não se levantara, seus sargentos e toda a guarnição de Brasília permaneciam leais. Logo essas tropas cercaram os revoltosos e ao final da tarde tudo terminara, com a rendição de quase mil sediciosos, transportados para o Rio e alojados, presos, em navios cedidos pela Marinha para esse fim.

1964

Nos meses que se seguiram a situação agravou-se rapidamente. Não havia mais respeito à autoridade e à hierarquia. Após o motim dos

marinheiros, reunidos no Sindicato dos Metalúrgicos, no Rio, sob o comando do Cabo Anselmo, sentia-se que um terremoto se avizinhava. Não houve, pois, surpresa quando Minas se levantou contra Jango e as forças do Exército lá sediadas avançaram na direção do Rio. Na tarde desse dia e na manhã seguinte testemunhei "milícias" se organizando em alguns pontos da cidade, com o propósito de ajudar Jango a resistir. Na W-2 Sul, atrás da Casa do Barata, homens se reuniam,

marchavam, praticavam "ordem-unida", obedeciam a vozes de comando. Durou pouco o "treinamento". Os milicianos desapareceram das ruas assim que se divulgou a fuga de Jango para o Uruguai.

IHGDF, um bom começo.

Naquele ano de 1964, fundou-se em Brasília o Instituto Histórico e Geográfico, iniciativa de Saulo Diniz, ministro do Tribunal de Contas do DF, que mandara buscar em São Paulo o estatuto paulista e orientara sua datilógrafa a copiá-lo fielmente, apenas substituindo, no texto, São Paulo por Distrito Federal. Nasceu, assim, nossa entidade, e as circunstâncias explicam por que seu primeiro estatuto faz referência a dispositivos do estatuto anterior...

Fui um dos fundadores, participando da primeira diretoria como orador oficial e depois, nas subsequentes, como secretário, vice-presidente e presidente. Ernesto Silva, que sucedera a Saulo Diniz, obteve da Novacap a doação de um terreno excelente no centro da cidade, para nele se edificar a sede do Instituto.

Nossa primeira iniciativa cultural importante, logo em 1967, foi ousada: realizar um Congresso Brasileiro de História e Geografia, reunindo na nova capital o que houvesse, à época, de mais representativo, no país, nessa área do conhecimento humano. E não só no país, mas também em Portugal.

Em nome do Instituto, percorri o país de norte a sul, de Manaus a Porto Alegre, promovendo o Congresso e visitando, em cada estado, seu Instituto Histórico, as universidades e o governador. Recebido sempre com muita fidelidade, os convites que formulava eram acolhidos com o maior interesse. Nota destoante foi o governador do Pará, coronel Alacid Nunes, incapaz de entender, de alcançar a importância da Reunião.

O comparecimento ao Congresso foi excepcional, levan-

Brasília, o orgulho de uma Nação

Cheguei ao Distrito Federal nos idos de 1957, vim da minha querida Pires do Rio, como tantos outros brasileiros, atrido pelo sonho de JK, que iniciava corajosamente em pleno Planalto Central, a edificação da nova Capital da República.

Para quem como eu, chegou nesta região no começo de Brasília, jamais poderia imaginar que daquele cerrado sem fim, surgiria uma cidade tão vibrante e que mais tarde fosse se tornar esta maravilha arquitetônica e uma paixão de todos nós que a vimos nascer e

nela depositamos todos nossos sonhos.

Em Brasília existe o espírito realizador de JK, a arte de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, a garra de Bernardo Sayão e Israel Pincheiro, a punjança de Ernesto Silva, monumento vivo da história de Brasília, com quem tive o prazer de conviver, mais há também, o suor e o amor de todos seus operários, pioneiros, que aqui chegaram trazendo na bagagem a esperança, o sonho, a saudade da terra natal, a lembrança dos parentes que ficaram e, sobretudo, a certeza

no futuro daquela que seria a Capital de todos brasileiros e o berço dos seus filhos e netos.

Brasília carrega em suas asas o orgulho desta nação e a prova maior de que este País sofrido, achincalhado, explorado tem tudo para dar certo, basta que cada brasileiro se vista do espírito candango, e num mutirão do amor façam deste Brasil, o Brasil de todos, onde não haja excluídos e que a legião de miseráveis que perambulam por suas ruas conquistem a cidadania e o direito a uma vida melhor.



César Lacerda
PRN

Parabenizo Brasília pelos seus 35 anos de vida e seu povo pela crença que teve no destino desta cidade, patrimônio da humanidade, diamante do Planalto Central, nave mãe que sob suas asas acolhe seus filhos e o sonho de cada um.

Obrigado Brasília por sua generosidade, trago a você o abraço carinhoso do povo do Gama, Santa Maria e Recanto das Emas, satélites desta estrela maior, que em sua luz conduz nossos horizontes a um porto seguro.

do-se em conta o número de participantes e o altíssimo nível dos congressistas, em muitos casos figuras nacionais. A Marinha trouxe uma delegação numerosa, liderada pelo almirante Mário Rodrigues. O Exército confirma presença, mas desistiu à última hora, mandando, entretanto, como observador, o coronel Bermudez. Soube-se depois que a posição do Exército se alterara por suspeita de que alguns membros do Instituto fossem simpatizantes da esquerda e certos convidados mais do que isto. De qualquer forma, os trabalhos decorreram na maior tranquilidade, sem qualquer atitude ou manifestação de natureza política, e as plenárias desenvolveram-se sempre com casa cheia, no Salão Vermelho do Hotel Nacional, melhor local, então, para seminários, congressos e convenções.

Portugal veio com um grupo brilhante, que incluía geógrafa de muito mérito, a Dr^a Raquel Soeiro de Brito, autora de um livro importante, lançado pouco antes em seus pais (e que tenho em minha estante) "Goa e as Outras Praças do Norte." Um capitão-de-mar-e-guerra, de Lisboa, fez excelente conferência sobre a conquista do Atlântico, alcançando grande sucesso. Os portugueses trouxeram, também, um filme que documentava o surgimento e a formação de uma ilha vulcânica em pleno mar. De bordo de um avião foi filmada a erupção logo no seu início, e continuou-se a filmar, durante muitos dias, o jorro contínuo de fogo e lava e o crescimento paulatino da nova ilha. Conhecendo-se, como se conhecem, ilhas vulcânicas até de grandes dimensões, que acabaram por se transformar, com o correr dos séculos, em regiões habitadas, amenas e tranquilas, a filmagem do acontecimento em sua origem e no seu desdobramento foi espetáculo que impressionou. Mas tarde fiquei sabendo que o vulcão desagregara-se



Os ministérios em obras



em meio a violenta explosão e a ilha desaparecera no mar. Até quando ficará coberta assim pelas águas? O vulcão, certamente, voltará à atividade um dia, a ilha se consolidará finalmente e os novos mapas registrarão sua existência.

A feijoada

Os portugueses chegaram a Brasília com enorme vontade de conhecer nossa feijoada. Falavam nisto sempre que um ensejo surgia. Decidi oferecer-lhes a oportunidade de experimentar esse prato especial da cozinha brasileira. Contratei o Gagliardi e recebi os lusitanos em minha casa. Mas a notícia correrá, não sei como, e meu HP-3 na 706

tornou-se pequeno para tanta gente que apareceu. A delegação de São Paulo veio completa, a do Pará também, e ainda alguns congressistas do Rio de Janeiro, liderados pelo reitor Pedro Calmon.

Gagliardi entrou em pânico. Para salvar a situação teve que atrasar, naturalmente, o almoço. E orientou os garçons a que não parassem de circular, servindo, generosamente, a caipirinha salvadora, que fez o maior sucesso entre os d'além mar e, surpreendentemente, também junto à mulher do reitor Pedro Calmon, que sentada em posição favorável interceptava todas as viagens dos garçons, com um sorriso maroto e grandes elogios ao "bar-man". Foi um sufoco, mas tudo acabou

bem, com o sucesso absoluto da feijoada do Gagliardi, favorecido, é verdade, pelo meiapileque que já dominava todo mundo.

Início das obras

A construção da sede do Instituto foi precedida de concurso para escolha do projeto. Concorreram três renomados arquitetos: Alcides Rocha Miranda, professor da UnB; Hélio Gonçalves, de Belo Horizonte, que projetara o edifício do Banco Central; e Milton Ramos, um dos mais conceituados profissionais do país e que acabou vitorioso.

apresentando solução de grande beleza plástica, que previa três prédios interligados: um para a Administração, outro para exposições e o terceiro amplo auditório, destinado a solenidades de grande vulto.

Para iniciar a obra obteve-se verba junto ao governo, e essa verba foi reparada à Novacap, através de convênio, ficando a Companhia responsável pela contratação da Construtora e o acompanhamento dos trabalhos.

Quando o primeiro prédio do conjunto, o pavilhão de exposições, alcançou a fase de acabamento, de arremates, a verba inicial chegara ao fim, mas havia outra, no Orçamento da União, para conclusão da obra.

A escolha do prédio de exposições, como primeiro edifício a ser erguido, se deu precisamente por se tratar da obra de mais difícil execução, uma estrutura em concreto-armado, complicadíssima e cara, que se fosse deixada para o final, provavelmente não seria feita. Por outro lado a beleza do seu desenho, o inesperado das formas, seu impressionante visual, transformariam o prédio não só em nova referência arquitetônica da cidade, mas no próprio símbolo gráfico do Instituto, como ocorrera com o Palácio da Alvorada em relação à nova capital.

Os robespiéres candangos

Aconteceu, entretanto, que a revolução de 1964, democrática em sua origem, perdera o rumo, e como sempre ocorre na sequência de processos revolucionários, os que haviam liderado o Movimento nas horas da incerteza

Amadurecimento político aos 35 anos

Chegamos aos 35 anos de construção de Brasília com um aspecto importante a ser ressaltado: o amadurecimento político da capital do País. Foi um processo longo que passamos, até chegar a tão almejada autonomia política. E uma constatação inequívoca do amadurecimento político é o funcionamento da Câmara Legislativa.

Ainda que o Distrito Federal permaneça atrelado ao governo da União no que diz respeito à origem de boa parte dos

recursos que precisamos para "banca" nosso cotidiano - na verdade, a autonomia econômica do Distrito Federal é uma discussão fundamental, que tem sido, muitas vezes, abordada na Câmara Legislativa -, é inegável o grande passo que representou a criação da Câmara Legislativa. Grande no sentido de mostrar que o DF não poderia politicamente permanecer vinculado às decisões tomadas por uma comissão formada por senadores que nada tinham a

ver com a realidade dos moradores do Brasília e das cidades-satélites.

Em sua segunda legislatura, a Câmara Legislativa tem representantes de praticamente todas as satélites, representantes de diversas categorias profissionais e de diferentes segmentos econômicos de nossa sociedade. Temos na Câmara o perfil do DF. Na Câmara ocorrem os debates, são tomadas as decisões que diretamente dizem

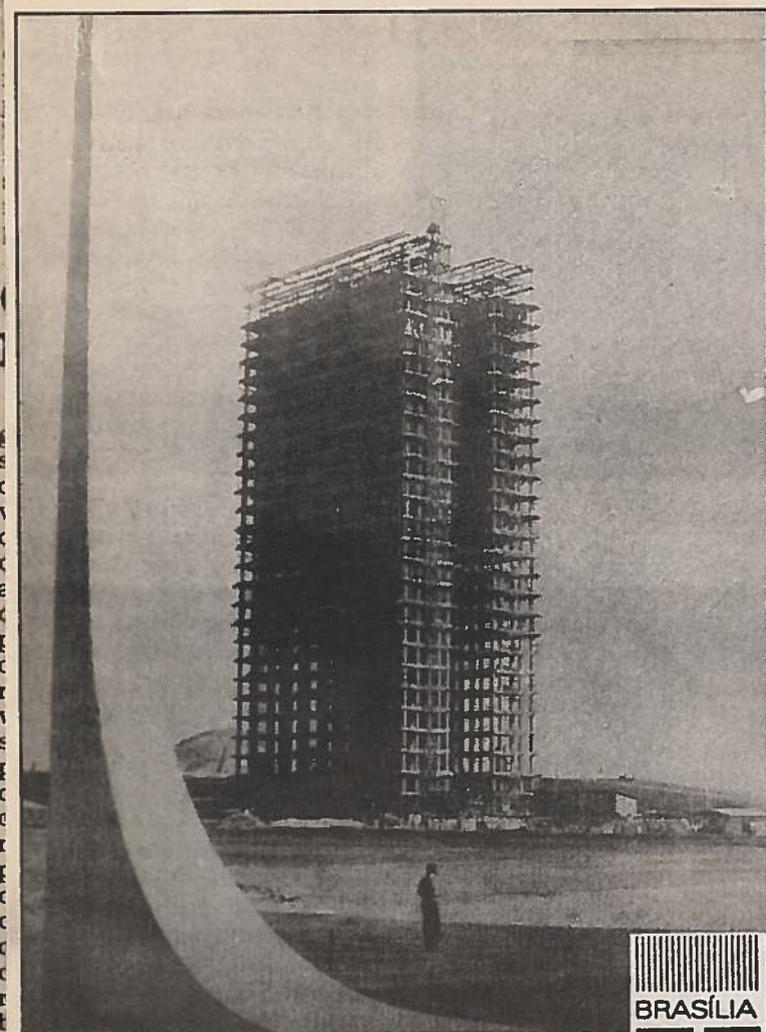


Manoel de Andrade

PP

respeito aos interesses dos moradores do Distrito Federal. Esse é, exatamente, o grande passo da diferença em relação ao quadro político anterior quando ainda dependíamos da Comissão do DF no Senado.

Dessa forma, não é exagerado dizer que um dos maiores motivos que temos para comemorar na passagem dos 35 anos de construção de Brasília é o aspecto de nossa emancipação política.



Anexo do Congresso em construção



pesa. Por mais que fossem prestadas todas as informações pedidas, não houve como superar a má vontade do Conselheiro. Decidiu o Instituto, a essa altura, reconhecer o valor da despesa recusada, mas o Conselheiro não aceitou, informando que ao Tribunal competia aprovar ou não a **prestação de contas** e não as notas de despesas isoladamente. Isto dizia mas **jamais escreveu**, a despeito de provocado várias vezes e alertado para o absurdo da informação, dado que seria inconcebível recusar-se no todo uma prestação de contas, digamos, de um milhão de cruzeiros, pela contestação de uma despesa de mil.

Nessa disputa levou-se tempo, e a verba destinada à conclusão das obras, que não podia ser liberada antes de resolvido o impasse, foi perdida, ficando o pavilhão de exposições inacabado.

Pouco tempo depois, pelas voltas que o mundo dá, o presidente do Instituto, Guido Mondin, que sucedera a Ernesto Silva no cargo, foi nomeado Ministro do Tribunal de Constal da União, e ao familiarizar-se com os preceitos da lei e com os procedimentos da Casa, indignou-se com o Tribunal do DF, cuja atitude, constatou, fora não apenas absurda e ilegal, mas muito mais do que isto.

Face a tudo que ocorrera, o Instituto em reunião de Diretoria, decidiu deixar assinado para sempre o episódio, que tanto prejudicara a vida da instituição, pondo em xeque o seu conceito e em risco seu patrimônio, mandando confeccionar uma placa de metal com os dizeres:

Inimigos de Brasília

— José Wamberto
— Luiz Zaidman

“Abertura” lenta e gradual versus “linha dura”

É curioso como em plena ditadura, com censura à imprensa e restrições de toda espécie, ficasse a cidade sabendo que o presidente Geisel e o seu Ministro do Exército, General Frota, haviam entrado em rota de colisão. O ministro, liderança forte na área militar que se convencionara chamar de “linha-dura”, decidira enfrentar o presidente e opor-se ao seu programa de abertura democrática. Do choque resultou a demissão do ministro. Frota, entretanto, parecia não querer acatar a demissão. Imaginava, quem sabe, ter aliados para isto. Estabeleceu-se curioso impasse, queda-braço inconcebível: o presidente e seu ministro convocaram a Brasília, cada um de sua parte, os generais comandantes de Exército e outros em comando de grandes unidades e tanto Geisel como Frota destacaram oficiais de sua confiança para receber, no aeroporto, os comandantes, à medida que desembarcassem. Nessa disputa dos dois grupos por colocar nos seus respectivos automóveis os generais que chegavam. Geisel levou a

melhor. Todos os que vieram preferiram dirigir-se ao seu Palácio; e hipotecaram, disciplinadamente, completa lealdade ao presidente, inviabilizando o putsch de Frota, que se retirou para o Rio, onde morava.

A cidade tudo acompanhou com apreensão, torcendo pela vitória de Geisel, e respirou aliviada com o final que desejava.

Nos trinta e quatro anos de vida da nova capital, pude testemunhar tantos acontecimentos! De alguns, participei. No seu chão, minhas raízes foram se aprofundando, e seria hoje quase impossível arrancá-las deste solo. Esse vínculo com a cidade de que vi nascer, minha identificação com o seu destino, levaram-me a pesquisar a sua história. Penso ter alcançado, com a publicação do livro “Brasília — Memória da Construção”, dois importantes resultados: o esclarecimento de alguns pontos obscuros, de algumas dúvidas históricas, e a reunião, numa só obra, dos originais de dezenas de documentos da maior relevância, alguns só agora revelados. Dou-me por satisfeito.

correndo todos os riscos, viram-se suplantados pelos radicais que invariavelmente surgem na esteira dos acontecimentos e que empolgaram o poder: era a “linha dura” em ação, e as consequências para o Instituto não demoraram.

As “punições” revolucionárias haviam ultrapassado os limites do Legislativo e começavam a alcançar outras áreas, inclusive o Poder Judiciário. Preocupados, os que

detinham cargos na Administração Pública, mormente os mais bem pagos, buscavam, quase todos, marcar posição moralista, mostrando-se muito mais realistas que o rei. E assim, certo Conselheiro do Tribunal de Contas do DF, acolitado por subordinado servil, decidiu impugnar prestação de contas do Instituto, de verba concedida para a realização do Congresso de História e Geografia, por não aceitar pequena nota de des-

Brasília, uma riqueza em área verde

Brasília é cidade de múltiplas definições.

Muitos procuram atribuir-lhe um destino cármico de acolher corruptos; outros acreditam que ela representa a geração do consumo desenfreado; vezes, é tachada de fria, burocrática, desprovida de calor humano.

Há, ainda, quem a quer capital do 3º milênio e crê firmemente que na magia dos pa-

ralelos e meridianos, foi traçada para salvar do Apocalipse os escolhidos que estará a abrigar.

Mas Brasília, 35 anos; é uma realidade cujo cotidiano nos mostra uma cidade mais madura, dificuldades vencidas, outras tantas por vencer, mas cujo espírito coletivo, de tantos brasís reunidos, vai movendo adiante.

A Brasília que não vemos

é uma riqueza em área verde, tem espaços amplos, pessoas respeitando individualidades; esclarecimento político acima da média do país, talentos culturais, destaques esportivos, etc.

A cidade é viva e pulsa no coração de cada um de nós. Acolhemo-nos reciprocamente, mãe e filhos adotivos, pois a nossa relação com Brasília não



Antônio José (Cafú)

PT

é de naturalidade, mas de pura afetividade.

Tristes, porém, percebermos seu lado excludente, desigual. Este nós podemos e devemos mudar.

Que seja um compromisso nosso, cidadão brasiliense que anonimamente tem construído o bonito de sua história: lutar pela Brasília que queremos, sem qualquer tipo de apartação.